

Crónica: Quando a Palavra Ganha Asas e Cores e Mundos

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.6>

Luís Miguel Loureiro

Professor e investigador
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3201-8013>
luisloureiro@ics.uminho.pt

Descrição

Numa das suas inúmeras e memoráveis crónicas para o *Jornal de Notícias*, o jornalista, escritor e poeta Manuel António Pina escreveu que “as palavras são seres intranquilos” (Pina, como citado em Salteiro et al., 2019, p. 32). O Pina, como muitos dos camaradas jornalistas do seu tempo simplesmente lhe chamavam, tinha, como sempre, razão. O jornalismo é, por definição, a profissão dos domadores da palavra. Nas notícias, nas entrevistas ou, até, nas reportagens, o texto quer-se simples e objetivo. Pode arriscar-se alguns laivos de criatividade, na forma de se abordar uma história de vida e uma entrevista ou de se relatar um facto, mas não se pode dar a múltiplas interpretações ou, muito menos, a equívocos.

Só que as palavras não são assim. As palavras estão sempre com vontade de fugir a quem as quer domadas, domesticadas, “mesmo as mais conformadas e mais comuns, dessas que servem, não para dizer, mas para comunicar, têm sobressaltos e caprichos de sentido que nos deixam de repente ainda mais desamparados diante do ameaçador mundo de todos os dias” (Pina, como citado em Salteiro et al., 2019, p. 32).

Nem sempre a crónica se fez de palavras que voam. Começou, aliás, por ser, essencialmente, um relato cronológico de acontecimentos. Foi assim durante séculos, desde a Grécia antiga, com as grandes crónicas de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso, até à tradição portuguesa das crónicas reais iniciada no século XIV por Fernão Lopes.

Foi só no século XIX que, em Portugal e no Brasil, os jornalistas, sempre os jornalistas, sentiram a vontade que as palavras tinham de ganhar asas, dentro de textos jornalísticos que falassem da vida, das pessoas comuns e incomuns, dos costumes, da excecionalidade e da banalidade, da época. Eça de Queiroz, em Portugal, e Machado de Assis, no Brasil, são normalmente citados como nomes maiores do estabelecimento de um novo género de textos relativamente curtos que permitiam aos jornais da época libertar-se das amarras do mero relato dos acontecimentos. Um e outro, jornalistas antes de se tornarem dois dos maiores escritores em língua portuguesa, um e outro, marcando o nascimento da figura moderna do cronista, esse autor maior que deambula entre a disciplina necessária ao jornalismo e a literatura e a poesia. O mesmo é dizer, a liberdade. Quase 200 anos depois, a crónica continua a ser essa “conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o leem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade” (Queiroz, 1981, p. 7).

Mãos à Obra

Podendo estar ligada à atualidade, a crónica pode surgir pelas razões mais simples e mezinhas. É essencialmente o produto de uma aguçada observação da vida, do quotidiano, dos outros. Não está, por isso, ao alcance de qualquer um. É bom, desde logo, que quem se arrisca a uma crónica goste mesmo muito das palavras e dos múltiplos jogos que elas permitem. Gostar de escrever é condição *sine qua non*. O que significa gostar de ler, muito.

Para que surja a vontade de escrever uma crónica, pode bastar um singelo acontecimento, mas o que a diferencia de uma reportagem é o facto de não se tratar de um relato, até pode necessitar que o acontecimento seja relatado, pode reclamar a realização de pesquisa no terreno, de ouvir pessoas como se de uma reportagem se tratasse, mas o que mais importa na crónica é a capacidade que o cronista tem de, partindo desse acontecimento, partilhar, não uma opinião, que é algo muito superficial que só a ele diria respeito, mas uma verdadeira e aprofundada reflexão sobre os significados sociais desse acontecimento e sobre as relações que esse acontecimento estabelece com a realidade social.

Por ser um género jornalístico intrinsecamente indisciplinado, a crónica é, essencialmente, um produto do cruzamento entre a liberdade criativa do cronista, a sua capacidade de observação das vidas e do mundo, a sua capacidade de pensar esse mundo e de relacionar as coisas pequenas, do universo de cada um, às coisas grandes que nos definem como seres humanos. É, por isso, a forma mais inventiva de que o jornalismo dispõe para poder contar histórias, sendo livre em tudo, a começar na estrutura. Não é por acaso que tantos cronistas foram ou são, ao mesmo tempo, jornalistas e escritores.

Não Esquecer

- Tal como o repórter, o cronista é, essencialmente, um ser que escuta permanentemente o mundo que o rodeia, sendo o silêncio da observação a sua melhor arma;
- A crónica não é um género de ficção, baseia-se sempre na realidade quotidiana, nos factos da vida, permitindo ao cronista envolver-se diretamente na narrativa seja como observador seja, mesmo, como personagem, ao contrário do repórter que é sempre um narrador distanciado;
- Para se começar a escrever boas crónicas é fundamental ler os melhores cronistas. Há excelentes livros de crónicas em português, de autores lusófonos e latino-americanos dos últimos 200 anos, de Eça de Queiroz a Manuel António Pina, de Machado de Assis a Gabriel García Márquez, de Vasco Graça Moura a Baptista-Bastos, de Mia Couto a Alice Vieira, de Eliane Brum a Miguel Esteves Cardoso.

Uma Citação Sobre o Género

Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, e outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crónica tem uma doidice jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China. (Queiroz, 1981, p. 7)

Uma Curiosidade

Também se chama “crónica” ao texto que os jornais desportivos dedicam aos relatos dos jogos das diversas modalidades, particularmente, o futebol. Não há qualquer problema nisso. De facto, as crónicas desportivas são textos que resultam da *tradição histórica da crónica* (Loureiro, 2022), que é muito mais antiga do que a *tradição literária*. É da tradição histórica, aliás, que resulta o próprio nome: “crónica” vem da palavra grega *chronos*, que quer dizer *tempo*. A crónica desportiva, tal como a crónica histórica, é, assim, um relato dos acontecimentos segundo o seu tempo cronológico.

Ideias Para o Jornal Escolar

Tal como com a reportagem, qualquer situação que se passa à tua volta pode dar uma excelente crónica. Se aprecias a arte da escrita, se gostas de brincar com as palavras, o que tens a fazer para escrever uma crónica é observar bem o que te rodeia e registar. Fica depois a cargo da tua criatividade estabelecer as relações entre aquilo a que assististe (ou te contaram) e a vida de todos. Isso é fundamental: tens de ter vontade de partilhar visões da vida, nunca esquecendo que não estás só. Na

crónica, podes deixar as palavras à solta, não as disciplinas. Deixa-te levar por elas, vais surpreender-te muitas vezes. E escreve sobre o que te apetecer.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Loureiro, L. M. (2022). “Já não há Maradonas a aquecer”: O futebol como jogo de palavras e imagens – As crónicas do Euro (2016) e da Taça das Confederações (2017) na RTP. *Mediapolis*, (15), 97–110. https://doi.org/10.14195/2183-6019_15_6

Queiroz, E. (1981). “Crónica”. *Páginas de Jornalismo – “O Distrito de Évora” (1867)*. Lello & Irmão.

Salteiro, I., Queiroz, J. P., Monteiro, M. M., Basílio, R., & Rafael, S. (2019). *Manuel António Pina: Desimaginar o mundo descriá-lo*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes.